

DO UIVAR

VILEM FLUSSER

Lobos uivam. Pertencem à família de feras da série arctoidea chamada "canidae". É uma família cujo gênero mais importante são os cães, e o qual se divide em diversas espécies como raposas, chacais e lobos. Lobos uivam, e com seu uivar confirmam que são feras da série arctoidea canidae, do gênero dos cães e da espécie dos lobos. Uivam, a fim de poderem ser classificados genericamente como cães, e especificamente como lobos. É óbvio que se formos consultar um lobo quanto aos seus motivos para uivar, não concordaria ele com a nossa sentença. Não lhe parece que uiva a fim de ser classificado. Mas o seu desacordo prova apenas que o lobo é um ser que não conhece, mas um ser que é conhecido. Faz parte da natureza conhecida ou a ser conhecida. A natureza se torna conhecida pela classificação, por catálogos, por enciclopédias, pela enumeração de nomes. O nome do lobo é "canis lupus". O lobo é uma parte conhecida da natureza, porque tem esse nome. Em virtude do nome está enquadrado no catálogo que é o conhecimento. E uiva, a fim de confirmar o quanto está adequado esse catálogo à realidade.

A explicação que dei do uivar não convence. Não convence por duas razões diferentes. A primeira é intuitiva, a segunda especulativa. Intuitivamente discordo que o uivar seja explicado "significativamente", se for concebido como fenômeno a ser nomeado. E especulativamente discordo que a finalidade da natureza é a de ser conhecida. Posso imaginar explicações mais significativas. Por exemplo esta: "Lobos uivam porque têm fome". Ou esta: "Lobos uivam, a fim de chamar a matilha para a caça". Mas não saberei dizer com exatidão porque me parecem explicações desse tipo mais significativas. Afinal, são reduziáveis, elas também, à nomenclatura. Contornam um pouco o clima iluminista e enciclopédico da primeira explicação, mas não conseguem dissipá-lo. Em suma: toda tentativa de explicar o uivar resulta, mais cedo ou mais tarde, naquela confusão desesperada chamada "teoria do conhecimento".

Abandonemos o iluminismo com sua nomenclatura, e adentremos o evolucionismo com seus processos. O primeiro lobo a uivar foi o "canis etruscus Major" no plioceno superior da Toscana. Os lobos que uivam atualmente são seus descendentes evoluídos. Uivam de maneira mais refinada. O lobo etrusco uivava a fim de poderem os lobos da atualidade uivarem mais refinadamente. E os lobos atuais uivam para que outros, daqui a

mo" ou "estruturalismo". Sabemos atualmente que o lobo uiva se, e somente se, o seu uivar estiver catalogado. Não acreditamos mais, como o século 18, que o uivar é algo ao qual a ciência dá nome. Nem acreditamos mais, como o século 19, que a ciência realiza o uivar ao lhe dar nome. Acreditamos agora que a ciência dá um uivar ao nome. Em outras palavras: acreditamos agora que a ciência projeta mundos em obediência a modelos pré-concebidos. Não resta dúvida, portanto, que as explicações fornecidas pela ciência não nos satisfazem.

É preciso confessar que não dispomos, atualmente, de uma fonte de explicações mais convincentes. Pelo contrário: as explicações científicas, por insatisfatórias que sejam, são as únicas que aceitamos. Por que não aceitamos mais outro tipo de explicação, por exemplo o mitológico ou o religioso? Porque a ciência, além de explicar, funciona. Explica muito mal, inclusive explica muito mal porque funciona. Mas funciona maravilhosamente bem, e tende a funcionar melhor ainda. Fornece os bombons dos quais alimentamos, pequineses que somos. E é preciso confessar que não podemos sobreviver um dia sequer sem os bombons que a ciência fornece.

Não somos lobos. Não sabemos como agarrar ovelhas. E mesmo se o soubéssemos, não gostamos mais de carne crua. E há mais isto: se agarrarmos uma ovelha, é provável que seria ela a vencedora da luta. Já que dependemos portanto dos produtos da ciência, aceitamos as suas explicações, por insignificativas que sejam. A ciência nos convence a despeito das explicações que fornece. Acreditamos na ciência "quia absurdum". Somos pequineses.

Aquela parte da humanidade que uiva procura negar que somos pequineses. O seu uivar é uma recusa das explicações científicas, porque estas não satisfazem. Esse uivar passa-se em diversos níveis. Uns uivam, como os "beatles", para simplesmente sufocar o latido. Outros uivam, como os "beatniks", para provar o sem-sentido do latido. Mais outros uivam, como os filósofos de absurdo, para dilacerar o latido. E mais outros ainda uivam, como os profetas do retorno, para redescobrir as estepes. Todos uivantes afirmam, no fundo, que são lobos. Mas não querem (porque não podem) abrir mão dos bombons que a ciência fornece. Provam assim vivencialmente que são pequineses que se tomam por lobos.

Posso perfeitamente não gostar da minha condição de pe-

vam para que outros, daqui a cem mil anos, o façam de forma ainda mais perfeita. O leitor talvez concorde comigo que esta explicação não pode ser considerada mais satisfatória que a outra. Uma sensação de frustração acompanha todas as explicações do uivar, e faz com que desconfiemos de todas. O resultado da frustração e desconfiança é uma situação que é o tema deste artigo.

O cachorro doméstico (*canis familiaris lupus*) aparece, no paleolítico, como lobo modificado. É um lobo que late. Pode uivar também, mas, se o faz, algo está desafinado neste melhor dos mundos possíveis. Se um pequinês uiva a fim de convocar a matilha para a caça de bombons de Ofner, toda a evolução cultural desde o paleolítico está sendo posta em xeque. O pequinês uiva, porque se sente frustrado pelo latir, e porque desconfia do latir como atividade significativa. O homem (*homo sapiens* L.) não late, mas explica. Aparece um pouco antes do cachorro doméstico como antropóide modificado. É um antropóide que explica. As explicações resultam em frustração e desconfiança. Não adianta explicar a frustração e a desconfiança, porque isto seria fornecer mais uma explicação frustrante. Mas o homem pode uivar também, e se o faz algo está desafinado neste melhor dos mundos possíveis. Pois é isto que está acontecendo atualmente. Frustrada e desconfiante, cansada de explicações, põe-se a uivar parte da humanidade. Podemos comprovar esse fato inclusive acusticamente. Basta abrir o rádio, ou deixar simplesmente de fechar as janelas. Toda a evolução cultural desde o paleolítico está sendo posta em xeque. A humanidade uivante, essa matilha de pequineses descendente dos lobos das estepes e faminta de bombons de Ofner, perdeu a confiança no latir das explicações e adentra as estepes "em procura das raízes". Os pequineses obedecem ao chamado das estepes, nos quais, "in illo tempore", desfrutavam da existência transbordante, sangrenta e uivante.

A cena seria de uma comicidade hilariante, não fossemos nós, pequineses individuais, prisioneiros da matilha. Devemos participar, queiramos ou não, da caça aos bombons das estepes. Devemos uivar com os pequineses. Que nos seja permitida, ao menos, a articulação de um latir explicativo nas pausas entre os uivos.

Não resta dúvida que o latir explicativo dos últimos quinhentos anos, aquele latir chamado "discurso das ciencias exatas", pode ser vivenciado atualmente como ganido sem significado. As ciencias, se tomadas como disciplinas explicativas, resultam efetivamente em sentenças tão convincentes quanto aquela que afirma ser o catálogo a finalidade do uivar do lobo. Com efeito, assistimos atualmente a uma inversão da interpretação da ciencia, uma inversão chamada "formalis-

tar da minha condição de pequinês, e posso admirar notavelmente a condição de lobo. Mas não conseguirei superar a minha condição de pequinês ulvando. Uivar não é superar o latir, e quando é um pequinês quem uiva, uivar é, além disto, uma ridícula inautenticidade. Existe talvez outra possibilidade? Por exemplo, a de substituir o latir por outra articulação, mais "significativa"? Tenho a certeza que essa articulação, se e quando formulada, será ainda mais distante do uivar que o latir da atualidade. Este é, a meu ver, um dos desafios de um futuro iminente, embora imaginável. Poderemos enfrentar essa desafio apenas se confessarmos que somos pequineses, e não lobos. Mas que somos pequineses que não o querem ser.

Dylan Thomas

Em 1953, o próprio autor — Dylan Thomas — perdeu num bar do bairro de Soho, em Londres, o manuscrito original de sua peça lírica especialmente escrita para o rádio, "Under Milk Wood". Afortunadamente, a BBC já havia adquirido uma cópia, a qual foi, pouco depois, publicada em volume e obteve grande sucesso na Inglaterra e nos EUA.

Apesar disso, o manuscrito original, descoberto por acaso, há pouco tempo, foi classificado ainda como raridade bibliográfica e vendido à editora Times Book Co por quantia superior a 5 mil dólares.

*

Hotel Chelsea

Um simples hotel novaiorquino poderá constituir-se, de ora em diante, em monumento oficial também relativo à história literária dos EUA.

Trata-se do velho Hotel Chelsea, situado na ilha de Manhattan, onde se ergue o centro da gigantesca metrópole. Foi construído em 1884 e deverá ser tombado e declarado edifício histórico. Entre os seus hóspedes mais famosos, incluem-se o dramaturgo Eugene O'Neill, o romancista Thomas Wolfe e o escultor italiano Alberto Giacometti.

*

"Best-Sellers"

Alguns "Best-Sellers" relacionados, há pouco, nas listas oficiais norte-americanas:

"Papa Hemingway", por A. E. Hotchner; "A Passionate Prodigality", por Guy Chapman; "The Last Battle", por Cornelius Ryan; "The Double Image", por Helen MacInnes; "A Generous Man", por Reynolds Price; "The Fatal Impact", por Alan Moorehead; "Too Far to Walk", por John Hersey.